

## **OS PROFESSORES DESTE MILÊNIO NAS ABORDAGENS ATUAIS DA DIDÁTICA**

José Manuel Ruiz Calleja

**RESUMO:** Aborda-se neste trabalho uma análise aplicando teorias pedagógicas e didáticas atuais sobre as funções do professorado, que reflete algumas características essenciais da sua atuação e algumas alternativas de solução de problemas detectados neste contexto, partindo de considerações gerais sobre a função profissional do professorado. Além disso, são tratados alguns aspectos fundamentais das suas relações com os alunos no processo de ensino-aprendizagem em termos de sugestões gerais para o comportamento de professores e professoras, nas que se argumentam as possibilidades práticas de aplicação. Implícita na caracterização aprecia-se uma visão analítica do processo de formação escolar e do importante rol da didática, baseado num modelo teórico que atinge particularmente ao mesmo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Professores, Pedagogia, Didática, Ensino-aprendizagem.

**ABSTRACT:** In this paper an analysis based on innovative pedagogy and didactics theories is carried out. It refers about the functions of the teachers and underlies some essential characteristics in their actuations as well as some solutions and alternatives to solve the problems detected in this context. Based in general considerations about the professional function of the teachers some fundamental aspects are considered in relation to the pupils in the learning-teaching process providing some general suggestions for their actuation. This way, some practical possibilities are explained. During the characterization, an analytical vision of the scholarship formation process is presented including also the importance of the didactics based in a theoretical model provided.

**KEY WORDS:** Teachers; Pedagogy; Didactic; learning-teaching process.

Ao abordar esta problemática, gostaríamos de partir de algumas definições de educação, pedagogia e didática como conceitos epistemológicos básicos do assunto que tratamos. As definições de educação, dadas por diversos autores, embora possam parecer diferentes em suas distintas versões, geralmente têm muitos pontos em comum, especialmente porque colocam o indivíduo no centro da atividade e caracterizam a educação como um processo de influência sobre o indivíduo que conduz a sua transformação e o capacita para interagir com o meio. Entendemos que a educação é a ação que desenvolvemos sobre todas as pessoas que formam a sociedade, sejam mesmo nossos filhos ou aquelas outras com as quais nos relacionamos no contexto social em que vivemos, com o fim de capacitá-las de maneira integral, consciente, eficiente e eficaz, que lhes permita formar um valor dos conteúdos recebidos, significando-os em vínculo direto com seu cotidiano, para atuar conseqüentemente com a vida, a partir do processo educativo assimilado.

Se conseguirmos que o processo educativo se ajuste ao que aspira a sociedade, ou seja, ter cidadãos participantes, responsáveis, que a façam avançar para melhorar a vida de todos, partindo de um interagir consciente e eficaz com a realidade, se poderá falar realmente, a nosso juízo, de educação.

Dentro deste processo, o professor tem um importante papel, ele instrui com o que sabe e educa com o que ele é. Formar pessoas conscientes, responsáveis frente a suas obrigações sociais, implica muito mais que transmitir informação. Ou seja, falamos de educar com o exemplo, com o que se é, reconhecendo que se educa através da instrução, em cada disciplina e no conjunto das ações da escola. Um verdadeiro professor-educador entende que nem sempre que se instrui se educa e, também, que uma pessoa instruída não é necessariamente uma pessoa educada. É assim que o papel do

professor no processo educativo é tão significativo, embora nem sempre se entenda esse papel, pois na prática existem muitas pessoas trabalhando no ensino, porém nem todas se podem denominar professores. Ser professor é educar para a vida e isto implica muito mais que um simples ato de transmitir uma informação. Assim foi expresso o assunto pelo cubano Martí (1975, p. 375): Instrução não é o mesmo que educação: a primeira refere-se ao pensamento, a segunda, principalmente aos sentimentos, embora não exista boa educação sem instrução. As qualidades morais aumentam de preço quando são realçadas pelas qualidades inteligentes.

Quando falamos em educar para a vida, não excluimos educar na vida, porque não é possível educar em abstrato, senão no que as pessoas vivem no dia-a-dia, é por isso a que a educação deve ser sob este princípio. Educar as pessoas para a vida, na vida e pela vida, e assim contribuir para a educação das atuais e futuras gerações de cidadãos. Para entender este conceito-chave, é preciso compreender que não só os professores educam, embora tenham uma responsabilidade profissional de educar, todos, de uma maneira ou outra educamos as pessoas que nos rodeiam. A escola não é a única instituição educativa da sociedade, assim, por exemplo e entre outros agentes, os pais de família, sem ser profissionais da educação, são por natureza educadores e devem educar seus filhos para a vida.

À margem do que podemos ser no plano profissional, é possível contribuir para formar as pessoas da comunidade em que vivemos, quando promovemos e aplicamos as normas básicas de convivência social ou quando somos solidários etc. Desta forma, o processo educativo se manifesta como um sistema mais geral de influências educativas, pois além da escola, no processo de formação das pessoas intervêm também a família, os amigos, a comunidade, a igreja, a mídia e outras instituições sociais.

A influência educativa escolar em qualquer sociedade é muito significativa, levando-se em conta o grande número de anos que um indivíduo deve ficar nestas instituições educativas para chegar a se formar como profissional e ainda segue em contato com a escola por meio da pós-graduação. Isto explica a imensa responsabilidade dos professores e das instituições educativas escolares em nível social.

Nesta análise, a Pedagogia como ciência tem uma importância essencial, embora alguns autores não a considerem assim e falem dela como uma disciplina. Nós temos a convicção de que é uma ciência que tem seu objeto de estudo definido e leis muito bem delimitadas, que podem ser demonstradas por seu caráter reiterado e estável, assim como um sistema teórico de conceitos, categorias e princípios que caracterizam sua base epistemológica própria e diferente de outras ciências da educação. Também reconhecemos que com ela interagem outras ciências afins como a Filosofia, a Psicologia e a Sociologia da Educação, para mencionar apenas algumas.

O processo docente que caracteriza a escola é também propriamente um processo educativo, assim podemos considerá-lo como docente-educativo; tem um caráter sistêmico e organizado com vistas a alcançar sua eficiência, fundamentado numa concepção pedagógica geral, sobre uma base didática e desenvolvido por pessoas especializadas: os professores. O processo educativo não escolar, desenvolvido por outras instituições sociais, como a família, a mídia etc., tem um caráter mais espontâneo.

Em nosso conceito, a Pedagogia Geral estabelece as bases para a Didática, como ramo da pedagogia que se ocupa em estudar o processo educativo de caráter docente, ou seja, esse processo docente-educativo que se executa nas instituições educativas escolares.

Em relação à didática tem existido historicamente a pergunta se ela constitui ou não uma ciência. Sendo um ramo da pedagogia, a didática possui seu próprio objeto, suas leis, princípios e categorias; os argumentos mais frequentes, contrários à consideração da didática como ciência, aparecem associados a critérios tais como: que a experiência docente e os conhecimentos científicos e técnicos dos professores determinam de maneira absoluta a qualidade e resultados dos processos de ensino-aprendizagem. Estes argumentos carecem de fundamento, em primeiro lugar, porque não consideram ou desestimam o sujeito que aprende, ou seja, não leva em conta o sentido de equidade nesta relação dialética que é essencial; por outra parte, e embora reconheçam o valor da ciência e a tecnologia como conteúdos do ensino, reduzem o papel da pedagogia a conceitos de empirismo e pragmatismo, o que resulta hoje inaceitável, atendendo ao desenvolvimento desta ciência.

Um aspecto epistemológico fundamental da Didática consiste em demonstrar seu caráter de ciência e para isso faz-se necessário precisar a existência de seu objeto de estudo. O processo que, de forma sistêmica, se ocupa da formação das novas gerações é o processo docente-educativo, como objeto que se conforma a partir da sistematização do conjunto de elementos presentes no mesmo, para garantir a consecução do encargo social da escola traduzido na necessidade que tem a sociedade de preparar, de modo eficiente, os seus cidadãos. Ou seja, ante esse encargo social, surge o objeto que denominamos de processo docente-educativo, considerado como o processo formativo que é desenvolvido de um modo sistêmico e, conseqüentemente, eficiente.

Consideramos necessário aclarar que, no conceito de processo docente-educativo, incluímos o conceito de ensino-aprendizagem, embora aceitemos que o primeiro seja mais específico das instituições escolares. Acontece que outras

instituições sociais não escolares, com um propósito educativo, desenvolvem também processos de ensino-aprendizagem, por exemplo, a família, mas como já foi dito, estes têm um caráter mais espontâneo, menos sistêmico, não fundamentados em concepções teóricas da didática e também não desenvolvidos diretamente por pessoas especializadas como são os professores.

Neste ponto da análise, gostaríamos de explicitar que nossa intenção, ao introduzir neste trabalho o conceito de processo docente-educativo utilizado amplamente em Cuba, é promover um intercâmbio científico, expor experiências e pontos de vista diferentes, para refletir e aprofundar as questões da didática. Este conceito, em nossa opinião poderia ser objeto e motivo de uma análise interessante para as abordagens atuais da didática e para tais propósitos, o consideramos um ponto de partida para refletir sobre seu significado no contexto da educação escolar. Uma definição de processo docente-educativo é a seguinte:

[...] processo que, como resultado das relações sociais que acontecem entre os sujeitos que nele intervém, está encaminhado de modo sistêmico e eficiente, mediante a apropriação da cultura acumulada pela humanidade, através da participação ativa e consciente dos alunos, planejada no tempo e observando certas estruturas de organização, com a ajuda de certos objetos, cujo movimento está determinado pelas relações causais entre estes componentes e destes com a sociedade e constitui a manifestação das leis da didática que expressam a essência do processo docente-educativo. (ZAYAS, 1999, p. 26).

Implícitos nesta definição ficam os componentes do processo, aqueles que são considerados pessoais: professor e

aluno; e os considerados não-pessoais: objetivo, conteúdo, método, meios, formas e avaliação, como categorias didáticas que constituem seu núcleo teórico, para explicar o que esse autor denomina como sua Teoria dos Processos Conscientes. O processo docente-educativo se dá através das relações específicas internas entre todos seus componentes e entre este e a sociedade.

Por meio destas relações aprecia-se a essência da escola e do modelo pedagógico de uma instituição educativa, ou seja, partir do problema ou encargo social da instituição e de sua relação com os outros componentes do processo docente-educativo constitui a base para dar vida a um projeto educativo institucional, ao definir os objetivos do modelo, o conteúdo da instituição, os métodos para desenvolver o processo formativo, as formas mais adequadas para utilizar e as atividades de avaliação do modelo que acreditam sua eficiência e eficácia.

O processo docente-educativo contém sempre uma atividade de ensino-aprendizagem que transcende, evidentemente, suas fronteiras como processo pedagógico em si. Este deve se adequar aos novos paradigmas do que hoje se entende por ensino e aprendizagem. Nas atuais condições e exigências sociais deverá prevalecer a idéia de que, na escola há de ensinar-se a transformar a informação, adquirir métodos de auto-formação, através de uma aprendizagem significativa para o estudante, onde a avaliação do ensino e aprendizagem se faz por consenso entre professores e estudantes, num clima de autogestão e liderança.

Analisemos certas relações que, por seu caráter essencial, estável e reiterado, têm força de leis, orientam o processo docente-educativo e ajudam na delimitação dos modelos pedagógicos institucionais, se realmente educamos para a vida e, sobretudo, para formar um cidadão segundo as atuais condições e exigências sociais (ZAYAS, 1999, p. 47):

- **A relação da escola com a sociedade.** A escola se desenvolve num contexto social que lhe dá uma missão, um encargo social: a formação de um cidadão preparado e útil para o desenvolvimento humano e social.
- **As interações que se estabelecem entre os componentes do processo.** Os componentes refletem a estrutura do processo, e suas relações ou interações manifestam sua dinâmica ou comportamento. É preciso compreender o significado que têm estas relações em todos os níveis da estrutura do processo, desde o planejamento curricular e estendê-las até cada uma das atividades que se realizam na escola, tanto no plano docente como extra docente, assim como nos planos curricular e extracurricular.

Aplicando os enfoques sistêmico e holístico, estas relações que constituem origem e essência do processo, permitem caracterizá-lo como um todo, mas, em separado, perdem seu significado. Estas relações, além disso, tem um caráter dialético e cada componente encerra uma dialética entre o objetivo e o subjetivo.

Alcança-se assim um processo de integração de caráter didático, onde todas as disciplinas, com um enfoque inter, multi e transdisciplinar realizam sua contribuição ao processo formativo de cada instituição e em nível de cada sociedade.

As diferentes disciplinas devem enfatizar a preparação para a vida. Canalizar essa preparação para a vida, por uma educação onde se apliquem os conhecimentos e habilidades adquiridas nas disciplinas. Um dos problemas que hoje se apresenta nos distintos níveis de ensino é que os estudantes não ganham consciência da utilidade prática, essa utilidade para a vida, que têm as diferentes disciplinas que recebem e isso faz



com que seja impossível alcançar uma aprendizagem significativa.

Ao colocar uma disciplina no currículo, não se persegue o fim único de colocar, ao final de cada etapa, uma avaliação, não para dizer que o aluno passou de série, mas para dizer o que, nessa série, o aluno aprendeu sobre a aplicação da disciplina recebida, na problemática que como criança ou jovem deve enfrentar cada dia.

Gostaríamos, aqui, de aprofundar a mencionada relação entre a instrução e a educação e quando falamos em instrução lembro que não estamos nos referindo a uma simples transmissão de informação, senão à formação de habilidades, conhecimentos e capacidades ou competências. Devemos aspirar que o resultado da apropriação dos conteúdos pelos alunos seja uma expressão de que esse conteúdo passou por suas personalidades, que eles tiveram uma relação afetiva com ele, a partir da certeza de que este foi fundamentado em suas vivências, em seus interesses, aprofundou em seus sentimentos, influenciando decisivamente em sua personalidade, convertendo-se assim em um conteúdo valorado, gestor de nova cultura, de novo conteúdo. Isto incide obrigatoriamente na formação de valores, atitudes, sentimentos e convicções, com o que podemos falar do educativo no processo docente. Assim, acontece uma relação obrigatória entre a instrução e a educação, propiciada pelos professores e estudantes em sua interação.

Ao educar, devemos ser muito concretos e objetivos. Não se pode dizer que vamos formar valores de solidariedade apenas falando sobre os valores solidários, trata-se de que educamos dentro da instrução e com o que somos, com nosso exemplo, pela nossa conduta ao desenvolver o processo de ensino aprendizagem.

A formação de valores é tratada por alguns autores sob o conceito de transversalidade, em nossa opinião esta constitui

a via pela qual poderemos potencializar o papel da formação de valores nos enfoques curriculares e o que pode projetar-se inclusive fora destes. Para alcançar as relações entre os níveis horizontal e vertical no planejamento curricular e no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem escolar, é preciso basear-se nas relações interdisciplinares dos distintos níveis. As matérias com este enfoque não devem ver-se como entes independentes, senão colocadas num contexto geral, agrupadas em disciplinas do saber, em relação com outras que ajudam a garantir o enfoque transversal dentro do currículo.

Nossos melhores professores foram aqueles que nos instruíram, porém, acima de tudo, se mostraram como educadores, foram uns modelos a seguir, ajudaram-nos para nos desenvolvermos como pessoas, contribuindo com nosso crescimento; embora um dia nos tenham ensinado um conteúdo qualquer da matemática ou da física etc., também nos ensinaram para quantas e para que coisas pudessem servir em nossa vida. Conversaram conosco, os estudantes, apoiando-nos em certas situações, demonstrando-nos que também eram pessoas e de alguma maneira mostrando-se como um ser social dentro e fora da sala de aula.

Por isso é necessário aclarar que, se alguns autores reconhecem que a didática é a arte do ensino, é arte no sentido mais amplo da palavra, porque didática não é só atuar, faz-se necessário sentir que se trabalha com pessoas e com muito amor pela atividade de ensino, mostrando-nos em nosso aspecto mais autêntico, assumindo uma posição empática e confiando nos estudantes; isso pode contribuir muito para alcançar o vínculo desejado entre a instrução e a educação.

Podemos nos propor muitas mudanças, provavelmente já estão acontecendo, porém estas questões devem refletir na forma como conduzimos a aprendizagem dos estudantes, só assim qualquer um modelo pedagógico poderá funcionar adequadamente. É preciso uma integração entre disciplinas,

onde o estudante sinta que todas, em seu conjunto, tais disciplinas são verdadeiramente significativas para ele poder enfrentar o cotidiano da vida, é assim que se poderá estabelecer uma relação afetiva com o conteúdo, mas isso depende muito da atitude e das habilidades do professor.

O papel do professor é chave em qualquer projeto educativo. O fundamento didático destes projetos, partindo das relações essenciais que temos mencionado anteriormente, consolida o papel do que é reconhecido como conteúdo adquirido sobre o princípio significativo no processo de aprendizagem. Para converter-se em gestor de uma nova cultura, o conteúdo deve passar pelas vivências, agrados, interesses, motivações e sentimentos daqueles que aprendem. O professor deve encontrar as vias mais idôneas para isto, o que fica implícito nas habilidades pedagógicas de que se precisa para encontrá-las.

A assimilação consciente e eficiente dos conhecimentos se alcança pelo domínio das habilidades que conformam capacidades. Assimilar de forma consciente os conhecimentos implica dominar uma ou várias habilidades, ou seja, saber fazer, porém essa assimilação de conhecimentos tem de passar pela motivação que adquire o aluno nesse processo de aprendizagem, isto supõe um desenvolvimento adequado do processo de comunicação, onde o afetivo tem um caráter fundamental, dando-se entre professor-aluno, aluno-aluno e aluno-professor.

Também não é conveniente, nem lógico, pensar de forma absoluta em que só estudando e dominando a didática resolvemos todos os problemas do processo ensino-aprendizagem. Um professor só pode cumprir adequadamente suas funções, educar e ser exemplo num processo docente-educativo, se dominar a lógica de sua ciência, conhecendo profundamente o objeto de estudo científico de sua disciplina, as invariâncias dos conhecimentos e habilidades básicas desta.

É a partir daqui que aparece a possibilidade de facilitar a aprendizagem, para desenvolver eficientemente este processo pedagógico. Sem conhecimento da ciência que aborda sua disciplina não é possível. Não se pode ensinar algo quando realmente não se conhece. Ninguém pode dar o que não tem.

Muitos professores se perguntam: como ajudar o estudante a ser sujeito de sua própria formação, a alcançar uma relação afetiva com o conteúdo? Podemos propor quatro aspectos dos quais se podem derivar muitos outros elementos, embora estes sejam respostas básicas para essas perguntas: 1- ouvir e respeitar as opiniões dos estudantes; 2- compartilhar com os estudantes as vicissitudes na solução dos problemas da transformação do contexto social; 3- escutar suas sugestões e 4 - se necessário, mudar a concepção inicial do processo.

A avaliação é outro dos elementos ou componentes básicos do processo docente-educativo. Às vezes parece que os professores medem, através das provas ou exames, as habilidades dos estudantes para passar de série, mais que os conhecimentos suficientemente assimilados.

Quando os professores não aplicam a avaliação num sentido de comprovar como os resultados se correspondem com os objetivos gerais e específicos do processo de formação dos alunos, acontece que, de forma consciente ou inconsciente, o estudante se prepara durante o curso apenas para passar no exame, mais que para integrar seus conhecimentos e aplicá-los.

Um professor que acredita que é capaz de avaliar os conhecimentos dos alunos só através de exames, muitas vezes carentes de validez, desconhece o verdadeiro sentido da avaliação. Perceber-se capaz de avaliar objetivamente seus alunos em até centésimos de unidades constitui um erro muito grave. É difícil refletir o fenômeno conhecimento e o sentido de uma formação integral da personalidade, em uma escala de números, sob um enfoque absolutamente quantitativo. O mais lamentável de tudo é que os alunos chegam até a avaliar-se a si

mesmos em termos das notas que o professor lhes dá. Esta não pode ser a escola que permite desenvolver um bom sentido da autocrítica e da avaliação objetiva de méritos e conhecimentos que, se supõe, são as metas mais nobres do processo educativo.

A avaliação não é só a determinação do grau de aproximação dos resultados, em termos dos conhecimentos e habilidades alcançados pelos alunos em relação aos objetivos, deve também e, principalmente, referir-se à valorização crítica e autocrítica da reorganização de seu sistema de valores e conceitos previamente estabelecido. Ou seja, referida ao desenvolvimento de sua lógica, de seu método de trabalho, sua formação em correspondência com a solução dos problemas de todo tipo que deverá enfrentar na vida. A realização pessoal do estudante é a melhor recompensa para ele mesmo e para o professor.

O objetivo da ação educativa é preparar as pessoas para a vida, para desenvolver-se e contribuir para o desenvolvimento da sociedade em que vivem e isso significa muito mais que possuir um acúmulo de conhecimentos de cultura geral, científica e técnica ou ser capaz de desenvolver um sistema de habilidades manuais e intelectuais; significa, sobretudo, ser capaz de adotar uma correta atitude diante da vida, com as melhores convicções humanas, com altos valores éticos, estéticos, morais e os mais puros sentimentos.

O professor é o encarregado de criar o ambiente apropriado para que os alunos trabalhem com satisfação e harmonizem seus objetivos em função das necessidades individuais e sociais. Facilita-se isso quando o professor alcança a condição de líder do grupo estudantil.

O estilo do professor vincula-se às suas capacidades criadoras e às suas formas de interação com os estudantes. A experiência, idade, nível científico e cultural, personalidade, caráter e inteligência do professor influem em seu estilo. Alguns alcançam, assim, com iguais recursos e os mesmos

grupos estudantis, resultados significativamente melhores que outros. Seu estilo determina um selo pessoal ao pôr em prática as normas sociais de forma concreta. Esse estilo é o que se identifica com a arte do professor.

As numerosas tentativas de classificação do estilo, em sua maioria partem do estudo dos seguintes fatores: a) a forma em que se relacionam o professor e os estudantes; e b) a autoridade do professor e como ele a exerce.

Nenhum estilo é bom ou mau em si mesmo. Um bom tipo de estilo é aquele que alcança o equilíbrio necessário e adequado entre uma boa relação professor-aluno e o cumprimento dos objetivos de formação dos estudantes.

A forma, pela qual um professor atua com relação a seus alunos, tem de ajustar-se a exigências e condições contextuais, que demandam um balanço adequado entre objetivos, princípios, funções, técnicas e métodos. Um balanço pode ser acertado em uma situação e para um grupo de estudantes determinado e, para outros diferentes, pode não ser o melhor. Quando o balanço não é o requerido para uma situação dada, podem-se apresentar certos riscos negativos como os seguintes:

A autocracia: O professor autocrata dá o saber feito e repete textualmente os conhecimentos aprendidos nos livros, podendo chegar a desenvolver um processo puramente reprodutivo que termina prejudicando a independência cognitiva e a criatividade dos alunos, tendo assim níveis mínimos ou nulos de motivação do grupo. Em muitos casos, a autocracia é mais um reflexo da debilidade do professor que de suas qualidades.

A tecnocracia: Baseia-se na superioridade científica e técnica do professor. É indiscutível que sua superioridade ajude o seu trabalho e tenha um peso importante, mas considerá-la como absolutamente determinante implica em desconhecer outros aspectos como os psicológicos e sociológicos que

intervêm também de forma importante no processo. Quando este risco negativo se apresenta, não se levam em conta os aspectos educativos necessários para a formação de valores e sentimentos como riscos mais transcendentais da personalidade do educando.

O paternalismo: O professor se converte em “protetor” do grupo, justifica suas deficiências e tolera “liberdades” no processo educativo, apostando assim no aumento de sua influência, a qual é quase inatingível. Às vezes alcança efetivamente alguma resposta positiva do grupo de estudantes, mas não é precisamente essa a motivação de que se necessita, sobretudo quando o paternalismo do “professor” afeta sensivelmente a preparação das novas gerações para a vida.

O democratismo: É uma aplicação desbalanceada da democracia. O professor subordina constantemente suas decisões ao critério da maioria do grupo, desconhecendo os objetivos gerais e específicos que refletem a necessidade de formação integral da personalidade de seus alunos. Nos níveis em que o estudante não é, todavia, totalmente consciente da necessidade e importância de sua educação, este estilo negativo pode induzir o aluno a um facciosismo muito perigoso em sua formação.

O teorismo: Estabelece como absoluto o aspecto teórico e metodológico dos conteúdos da disciplina que ministra e das Ciências da Educação, sem atender às reais exigências sociais, condições e características do contexto próprio em que se desenvolve o processo educativo. Manifesta-se uma desvinculação da teoria com a prática, com a qual a instrução e a educação convertem-se em receitas feitas, que desconhecem as situações e condições concretas, limitam a participação do estudante e constituem um freio dos processos de motivação e criatividade, conduzindo ao dogmatismo no ensino.

O praticismo: Exacerbação do papel da prática e da experiência pessoal dentro da atividade docente educativa. Tem como característica que sobrepõe a espontaneidade à base teórica e metodológica da ciência que se aborda como conteúdo, assim como das Ciências da Educação que explicam o processo docente educativo. Pode conduzir tanto à ousadia ilimitada como ao conformismo e, o que é pior, pode desenvolver nos estudantes um sentimento de frustração, como resultado de sua impossibilidade de compreender essencialmente certos feitos, fenômenos e processos que ocupam sua atenção, levando-os a se aborrecer, tanto em relação ao conteúdo quanto ao professor.

O estilo ideal é aquele que permite situar o professor como LÍDER do grupo estudantil, sendo a liderança uma manifestação de sua autoridade moral com respeito a seus estudantes. A autoridade formal está dada por sua designação oficial, a autoridade moral resulta da capacidade pessoal para tê-la e do reconhecimento que o coletivo estudantil faça dela. A que mais influi na criação da condição de liderança é a moral. Os estudantes podem exercer uma considerável pressão, outorgando ou retirando seu apoio ao professor e isso, sem dúvida, vai determinar a conduta deste último. Isso explica porque um professor pode ter sucesso como líder com um grupo de estudantes e fracassar com outro.

Em conseqüência, a autoridade do professor tem de ser entendida como uma energia básica, como a autoridade moral necessária para promover e desenvolver a ação educativa, que permita traduzir as intenções e finalidades do processo docente educativo em realidades concretas que melhorem e enalteçam a existência e natureza humana. Essa energia básica, assim considerada, se transmite pelos professores a seus estudantes, e facilita, por sua vez, a transformação destes últimos em líderes e sua conversão em autênticos agentes de mudança.



Um aspecto fundamental da personalidade do líder é a capacidade para comunicar idéias e entusiasmo, para convencer e influenciar os estudantes, alcançando a ação educativa, o compromisso e a participação efetiva dos mesmos. O professor-líder infunde confiança e acredita na capacidade dos estudantes; a confiança gera responsabilidade, promove a participação e desenvolve a criatividade.

A qualidade da ação educativa está na qualidade do Ser. O autêntico professor-líder tem de ser exemplo, demonstrar capacidade de auto-avaliação, de reconhecimento de suas possibilidades e limitações, seus acertos e equívocos para melhorar a estima de si mesmo e dos demais. O professor-líder projeta segurança, confiança e energia positiva em seus alunos e consegue compartilhar sua satisfação, enriquecer-se e desfrutar seus resultados, assumi-los como colaboradores, melhorando assim o trabalho educativo e a cultura do grupo. Os autênticos professores-líderes são inovadores e capazes de antecipar o futuro. Compreendem que: olhar o futuro sem atuar é apenas sonhar, e atuar sem visão de futuro não tem sentido.

A liderança não é algo impossível de ser alcançada pelo professor. A psicologia social explica que a capacidade de liderança está formada por um conjunto de habilidades de conduta que a maioria das pessoas pode aprender.

### **Algumas considerações finais**

Preferimos chamar de considerações finais os argumentos com os quais pretendemos encerrar este artigo; não pode ser de outra maneira, quando nós mesmos aceitamos a necessidade de continuar aprofundando na prática, como via de comprovação e enriquecimento das teorias que estimulam o debate das polêmicas situações que hoje envolvem esta temática.

Nas escolas, o “produto final”, como resultado do seu processo de formação, não é uma “mercadoria” que possa ser considerada no “mercado de força de trabalho”, simplesmente por seu “valor de uso”. É, antes de tudo, um processo de transformação humana mediante a instrução e a educação na ação que transcorre entre o professor e os estudantes, na qual, essencialmente, o primeiro ensina a aprender e o segundo aprende a aprender.

Hoje não concebemos professores como simples repetidores de textos aprendidos nos livros; o ensino puramente reprodutivo é obsoleto e prejudica a independência cognitiva e a criatividade dos alunos, impede sua motivação e não contribui para uma aprendizagem significativa. Hoje tem de se ensinar para que se possa interpretar a informação, ou seja, para passar de um processo docente baseado no informativo ou reprodutivo a outro que se pautar na interpretação de alunos e professores com um caráter produtivo e criativo dos conteúdos recebidos. Para alcançar isto, necessitamos de um professor que tenha certas qualidades básicas:

- Preparado e atualizado em sua ciência, ou seja, em sua especificidade do saber.
- Ser um investigador. Às vezes os professores pensam que por sua docência ser de pré-escola ou ensino fundamental, não tem de investigar, quando realmente algo que deve caracterizar um docente, de qualquer nível de ensino, é a investigação.
- Deve possuir uma cultura geral, ou seja, integral.
- Possuir uma formação razoável do ponto de vista da Pedagogia, da Didática e das outras Ciências da Educação.

- Ser um educador exemplar, em qualquer lugar, honrado, honesto, consagrado, ético em sua profissão e com boas relações humanas.

Poderíamos dizer que tais qualidades formam parte do professor ideal que, por regra, hoje vai se convertendo de professor tradicional em líder ou condutor de grupos.

Na atualidade, é muito importante para o professor sua disposição para a mudança, desde uma perspectiva do desenvolvimento educacional, porque seu trabalho, segundo as tendências pedagógicas mais avançadas, deve realizar-se para ser mais eficiente e eficaz, a partir de uma posição de liderança frente a seus alunos.

Existem muitas problemáticas que são hoje temas de debate mundial sobre o pedagógico, além disso, o papel do professor continua se aprofundando, ainda que existam sistemas educativos que se desenvolvem quase sem a presença dos professores, tais como aqueles baseados no uso da multimídia, hipertextos e realidade virtual, aplicados à docência. No meio de um processo em que o ensino e aprendizagem adquiram uma conotação diferente, ante o desenvolvimento científico e tecnológico, o papel do professor segue reafirmando-o como condutor ou guia principal deste processo.

## **Referências Bibliográficas**

CALLEJA, J. R. *Vinculación estudio-trabajo, una necesidad actual de la educación superior*. Memorias de la Segunda Semana de la Educación, OEI, Santafé de Bogotá, Colômbia, 1993.

CEPES, *Tendencias pedagógicas contemporáneas*. Colômbia: Universidad de la Habana-Corporación Universitaria de Ibagué, 1996.

GÓMEZ, B. H. et. al. *Educación: La agenda del Siglo XXI, hacia un desarrollo humano*. PNUD. Colombia: TM Editores, 1998.

LIBANEO, J.C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* São Paulo: Cortez Editora. 2000.

\_\_\_\_\_. *Didática*. São Paulo: Cortez Editora. 1991.

MARTÍ, J. *Obras completas*. Havana - Cuba: Editorial Ciências Sociais. 1975.

ZAYAS, C. A. D. *La Escuela en la vida*. 3. Ed. Habana, Cuba: Editorial Pueblo y Educación. C., 1999.